BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

Pegando nas observações feitas a «Topin», no número anterior, vejamos como é possivel confeccionar os passatempos geométricos aí preconizados e que devem ser mais toleráveis por quem procura resolvê-los:

Em triângulo:

Horizontais

	1	2	3	4
1 —	Feliz	Consoante	Estúpida	Consoante
2 —	Velho	Acidente	Purifica	Ali
3 —	Cada	Recitar	Rumo	Assim
4 —	Uso (ant.)	Advir	Santo	Adição
5 —	Único	Larga	Catedral	Pulir
6 —	Vogal	Confusão	Consoante	Aposento

Verticais

	1	2	3	4
1 —	Venturoso	Silêncio	Consoante	Consoante
2 —	Ancião	Contumaz	Mais	Onde
3 —	Inteiro	Riba	Igual	Consentimento
4 —	Ouso (ant.)	Abundância	Ascendentes	Abundância
5 —	Apenas	Sobre	Dias	Gastar
6 —	Vogal	Para	Latões	Tribunal

Em quadrado:

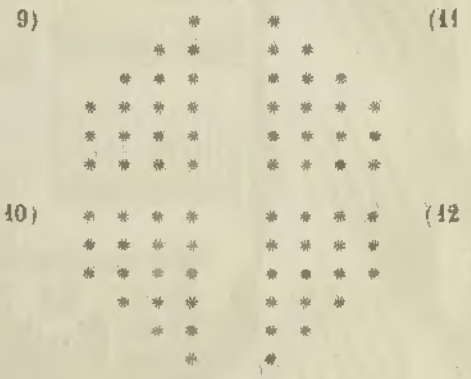
5) — H: Ponderam, levanto, velho, sequioso, planas; V: Pena, exalta, decrépitos, avara, fretes.

6) — H: Logro, morte, costurem, «mulher», escárnios; V: Apalpam, esmola, veio (das pedreiras), arguo, famas.

7) — H: Aquém, sorvo, raspas, ave galináceа (América do Sul), individuo parecido com outro; V: Anteriormente, angústia, matas, trombeteiro, personagem do «Anfitrião» de Molière.

8) — H: Procede, fatigam, ligada, o ponto oposto ao zénite, amargo; V: A mesma significação que se dá para as *Horizontais*.

Em trapézio:



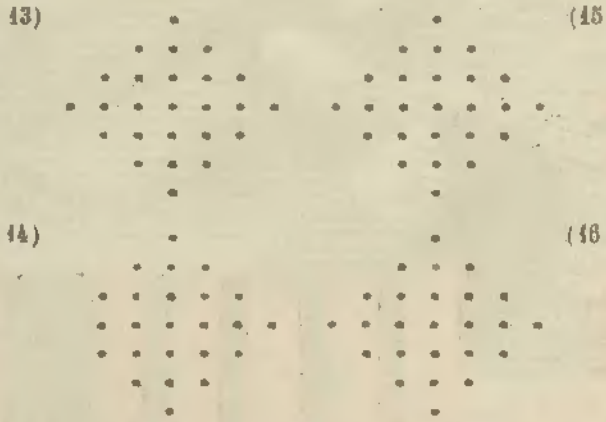
9) — H: Vogal, a, ave do paraíso, aplicar, bata, rezas; V: Estalajadeiro, junto, era, afectos.

10) — H: Aleia, zebo, estimar, ânus, letra grega (inv.), vogal; V: Velocidade, sentença, cor preta, Oriente.

11) — H: Consoante, clima, expiação, preferem, actriz, viver; V: Classe, enfiada, lodo, abundante.

12) — H: Dificuldade, morder, escuro, senhora, sadia, vogal; V: Brisa, individuo parecido com outro, enxugo, prego.

Em losango:



(Continua na outra página interior da capa)

18.º Ano — N.º 208 Outubro de 1946

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DIRECTOR
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro *Alvaro de Lima Henriques*

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação de Santa Apolónia

Editor: Comercialista *Carlos Simões de Albuquerque*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

SUMÁRIO: O edifício de passageiros de Vila Viçosa. — Concurso de artigos originais: Quem parte leva saudades... — O rio Douro e o esforço humano. — Faro, berço da tipografia portuguesa. — Consultas e Documentos. — Digressão literária. — Pessoal.

O edifício de passageiros de Vila Viçosa

Pelo Sr. *António Montês*, do Serviço de Propaganda e Publicidade

No Alentejo, já próximo da fronteira, existe uma vila fidalga, que serviu de solar à nobre casa de Bragança.

Fundada por D. Afonso III, a histórica Vila Viçosa recebeu foral do Rei Venturoso, época em que começou o seu ciclo de grandeza, que depois da Restauração alcançou verdadeiro explendor.

Dominada pelo castelo mandado construir por D. Dinis, possui curiosidades notáveis, dos quais sobressaem o «Palácio Ducal», o «Convento das Chagas», o «Panteão dos Duques de Bragança» e a «Igreja de Nossa Senhora da Conceição».

Quem alguma vez atravessou as ruas silenciosas de Vila Viçosa, não adivinha as grandezas que a histórica vila encerra, não imaginando também a sumptuosidade, o deslumbramento das festas ali realizadas, no tempo em que a Casa de Bragança ali tinha o seu solar.

O «Palácio Ducal» onde teve residência a nobre estirpe dos Braganças, serviu de cenário a esplendorosas cerimónias, que ficaram gravadas nas páginas doiradas da história pátria.

Com a sua fachada imponente, guarda tapeçarias riquíssimas, faianças magníficas, armas notáveis e uma colecção de obras de pintura verdadeiramente preciosa, pois apresenta a galeria dos retratos dos Duques de Bragança desde D. João I a Nuno Alvares, executados por «Quillard», sendo os dos últimos reis de Portugal pintados pelos mais consagrados mestres da pintura portuguesa contemporânea.

No recinto onde se ergue o «Palácio Ducal», conhecido por «Terreiro do Paço», fica também o «Convento das Chagas», das freiras loias, que serviu de Panteão às Duquesas de Bragança, e próximo ergue-se a «Igreja dos Agostinhos» — sumptuoso tem-

A estátua equestre do Rei D. João IV, obra do escultor Francisco Franco, inaugurada em Vila Viçosa em 8 de Dezembro 1949.

plo em cuja capela-mór repousam alguns Duques da dinastia brigantina.

Vila Viçosa não ficou célebre sòmente pelas caçadas que se realizaram nas tapadas do Palácio, mas também pelas altas figuras que tomaram parte nas festas faustosas que ali tiveram lugar, às quais se seguiam banquetes e comédias, jogos e torneios, cortejos e corridas de toiros, tão apreciados pela gente da época.

* * *

O que tornou particularmente notável o burgo de Vila Viçosa, o que contribuiu para que o Governo da Nação deliberasse incluir no programa das comemorações centenárias de 1940 a inauguração dum monumento a El-Rei D. João IV, foi o acontecimento histórico que ali teve lugar nos primeiros dias de Dezembro de 1640. O Duque de Bragança, que a História ficou conhecendo por D. João IV, estava instalado no «Palácio Ducal», dedicando-se mais aos problemas de espírito que aos assuntos políticos. O povo e os palacianos entenderam que deveria assumir a suprema magistratura da Nação, depois de sessenta anos de domínio espanhol, e apesar de não ter preparação para reinar, o Duque de Bragança partiu confiado a caminho de Lisboa, onde o povo o recebeu carinhosamente.

Foi esta circunstância que motivou a deliberação governamental de inaugurar no «Terreiro do Paço» de Vila Viçosa a estátua equestre do Restaurador, homenagem que obrigou à realização de grandes obras em toda a vila e, consequentemente, no edifício de passageiros da estação.

Com a colaboração e o acordo da Direcção Geral de Caminhos de Ferro cuidou-se, através do Serviço de Conservação da Via e Obras, de melhorar as estações existentes, e se na verdade as obras realizadas não foram de grande monta — como sucedeu nos edifícios de passageiros de Évora e Beja — a verdade é que os mesmos contribuiram

O edifício de passageiros da estação de Vila Viçosa, antes das obras

muitíssimo para o aformoseamento do edifício em questão, que fica situado no topo duma avenida que dá acesso ao «Palácio Ducal».

A ampliação da plataforma e o seu revestimento com mosaicos, a melhoria das instalações sanitárias, a dotação com bomba de incêndio e marcos fontenários, o revestimento das paredes interiores com azulejos, a colocação de mosaico cerâmico no pavimento de algumas dependências, a instalação de lanternas de ferro forjado e a substituição da antiga platibanda por um gracioso beirado, fizeram com que o edifício de passageiros de Vila Viçosa ficasse com melhor aspecto. Por outro lado, o largo da estação foi vedado com um murete, sobre o qual assenta uma grade de tijolo, à semelhança dos que se vêem nas construções rurais do Alentejo, e as paredes exteriores do edifício foram enriquecidas com azulejos artísticos onde predominam motivos regionais e aspectos monumentais da vila que foi Solar dos Braganças.

As fotografias que acompanham estas notas mostram nitidamente as obras realizadas, que ficaram concluídas no Ano dos Centenários — data projectada para a inauguração do monumento a El-Rei D. João IV.

* * *

A estátua equestre do Rei D. João IV, esculpida por mestre Francisco Franco, ergue-se sobre um pedestal de granito delineado pelo Arquitecto Pardal Monteiro, podendo considerar-se uma das mais belas peças da estatuária contemporânea.

O monumento, que tem proporções aproximadas ao do Rei D. José I, que se levanta no «Terreiro do Paço», em Lisboa, ficou situado em frente do «Palácio Ducal» e a meio do recinto, também conhecido por «Terreiro do Paço».

O edifício de passageiros da estação de Vila Viçosa, depois das obras realizadas

Desde 8 de Dezembro de 1943 — dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Reino —, que Vila Viçosa tem à sua guarda não só uma das três estátuas equestres que existem em Portugal, mas um monumento formosíssimo, que constitui merecida homenagem ao Rei Restaurador.

A história das vilas e cidades servidas pelo caminho de ferro é recordada em famosos painéis de azulejo, e desta forma os edifícios de passageiros constituem, não só a sala de visitas das povoações, como óptimo elemento de propaganda das suas curiosidades artísticas, monumentais, históricas e etnográficas.

CONCURSO DE ARTIGOS ORIGINAIS

«Quem parte leva saudades . . .»

Pelo Sr. *Manuel da Costa Lima*, Factor de 3.ª classe — Juncal

Era na frígida noite de 24 de Dezembro, noite de Natal! A aldeia estava em festa! Havia alegria em todos os corações, sorrisos em todos os lábios, contentamento em todos os lares! Era na noite em que as famílias se reuniam e em que se abraçavam parentes, que, há um ano ou mais, se não viam já. Depois da lauta e tradicional ceia, jogavam-se os confeitos e os pinhões, colocavam-se os sapatinhos nas chaminés, soltavam-se estridentes gargalhadas, entoavam-se hinos de louvor ao Menino Deus nascido!... Tudo era belo e encantador!

Lá do fundo do vale, dentre o verde-negro dos pinheiros, mal se via a ténue nuvem de fumo dum lar quase apagado, onde nem sequer um caldo se havia feito. Era a humilde casa do tio Simão da Eira, menos do que remediado lavrador do lugar. Trazia o único filho, que Deus lhe dera, na vida militar, e, por ordem do Governo, tinha que partir, dentro em breve, para além-mar, em serviço da Pátria e deixar o lar no dia seguinte.

— Anda daí, Simão, trás a candeia e vamos arranjar o farnel do nosso filho, que nos querem roubar, daquele moço que, com tanto sacrifício, criámos e que, dentro de poucas horas, nos vai deixar, talvez para sempre.

— Deixa lá, mulher, Deus é Pai dos homens. Não vês o rapaz do vizinho que andou lá para as Áfricas quase dois anos e vem gordo como um nabo?! Bem ouviste as coisas bonitas que ele esteve a contar no domingo, à tarde, no muro do adro! Tudo lhes faz bem; fazem-se homens e vão ver terras...

A tia Zefa, porém, quase não dava ouvidos ao marido e continuava a sua tarefa, esmerando-se por arranjar o melhor mimo que metesse naquela saca vermelha, ainda de sua mãe, e que, há um ano quase fora a companheira inseparável do seu João.

Uma boroa de pão, um pedaço de lombo de porco, três paios e outras tantas alheiras, umas maçãs, uns figos secos e uma cabaça de aguardente, constituíam o apetitoso farnel do pobre João, que, no meio de grande animação, havia de ser comido em conjunto com os seus amigos adquiridos na tropa.

No silêncio da noite e daquele lar, a boa da tia Josefa derramou copiosas e sanguíneas lágrimas. O único filho que Deus lhe dera, que era todo o seu enlevo, a sua alegria, a carne da sua carne, ia para longe, para terras muito distantes, em que nem sequer ouvira falar. Enquanto João dormia, a pobre Mãe contemplava-o, beijando-o; despedia-se dele, muito em segredo, estreitando-o contra o peito, de mansinho, não fosse às vezes prejudicar-lhe o descanso.

Alta madrugada, João sai dos braços paternais e ei-lo a caminho do quartel, onde o aguardavam todos os outros companheiros que tomavam parte no 1.º Batalhão Expedicionário aos Açores. A lua, uma velha foice afiada, tornando mais alvinitente, com o seu argenteo clarão, o espesso tapete de neve, que a Natureza estendera sobre a terra, fora a pródiga companheira de João, tornando-se-lhe, assim, menos árdua a caminhada. Dentre as muitas estrelas que coalhavam a abóbada celeste, uma, mais brilhante, parecia indicar-lhe o caminho, à imagem da estrela de Belém, que, naquela noite de tempos remotos, havia sido o rumo dos três reis do Oriente.

O dia aproximava-se. As doces aves, batendo dificilmente as asas, buscavam-se umas às outras; os pastores, tangendo as suas flautas e rodeados dos seus gados, come-

çavam a assomar pelas cumiadas; finalmente, o sol, levantado até aos peitos, tomando posse dos outeiros, como que querendo assenhorear-se da terra, mostrava ao longe a «casa amarela», cujos antigos claustros deviam dar pousada àquele jovem.

Passados dias velozes, soa a hora da partida! O som agudo e imperativo dum clarim, ecoando por todos os recantos e arcadas do antigo convento de Santa Cruz, despeja, para o largo fronteiriço, um interminável cordão de homens, que, à voz e exemplo do seu comandante, deitam os joelhos em terra e, com viva fé, o acompanham em esta fervorosa prece à Virgem, que, do templo dos Remédios, os abençoava:

— «Vós, que sois a inimiga da azeda discórdia e a conservadora da Paz, sede connosco! Sem Vós, a ordem é desordem, a vida é morte, a glória é infâmia! Vós, que destruistes a confusão e gerastes a boa governança, abençoai-nos e não permitais que sem ti partamos».

Num agitar constante de lenços brancos e capas negras, a «Princesa do Varosa» chora ao ver partir os seus filhos. Choram as raparigas, cuja cor do rosto lembra bem o famoso e saboroso presunto da região. Choram as fontes de Lamego, mas, mais copiosamente, a de «Almedina», que bem merecera ser cognominada «a dos amores», onde muitas vezes tantos namoricos passaram tardes felizes.

Centenas de vozes cortaram o espaço:

«Brada às armas em Lamego,
Acorda o povo em redor,
Á vida não tem apego,
Quem quer Portugal maior!»

E à sombra da gloriosa bandeira, que garbosamente ostentava um «nove», repetiam:

«Ser soldado, é ser eleito,
Ser de todos o maior,
É ter a Pátria no peito,
Sentir por ela respeito
Tornar Portugal maior!»

Lá ao longe, num «à vontade» disciplinado, as trovas cruzavam-se nos ares:

«Adeus, adeus, ó Lamego,
Adeus rua da Olaria,
Adeus, ó casa amarela,
Do nove d'Infantaria».

«No dia em que assentei praça,
Fizeram-me andar à direita;
Cortaram-me o meu cabelo,
Foi a primeira desfeita».

O Varosa, que parecia chorar também, acelera a sua marcha, despenha-se de penedo em penedo, traz-lhes ao encontro as suas lágrimas, as da família, das namoradas, dos amigos, e, enfronhando-se nas águas do Douro, diz-lhes adeus, até se encontrarem, novamente, sobre as vagas do Atlântico.

O recinto da estação de embarque era demasiado pequeno para comportar tanta gente: era muita a que partia, mas era mais ainda a que ficava!

Um silvo prolongado da locomotiva corta o espaço e o comboio parte, furtando-se ràpidamente aos olhos humedecidos duma multidão enorme, na obscuridade dum túnel, qual negro manto que a alma lhes enluta! E, sem perderem a coragem e o brio de soldados, levam atrancados no coração, as famílias, as namoradas, os amigos, o lar e a terra que os viu nascer, confiados na esperança de, cedo ou tarde, voltarem.

A bordo do «Niassa», que sulcava o imenso mar, João, alargando a vista pela dilatada esfera dos céus, recordava, com saudade infinda, a sua casa, os regatos, campos e montes da sua aldeia, que de arvoredos grandes, verdes ervas e deleitosas sombras são cheios, e que, durante vinte anos, foram o seu berço.

Em João tinha a música um adorador e o fado um amante. Nas noites calmas ou álgidas, em serenatas ou descantes, debaixo das janelas de sedutoras donzelas, ou pelas ruas silenciosas do seu torrão natal, a sua voz melodiosa, acompanhada de sonoros gemidos de metálicas cordas, difundia-se por

todo aquele jardim à beira-Douro plantado, rendendo, assim, homenagem à «Euterpe» e a «Orfeu».

A terra que o viu nascer fora a mesma que serviu de berço a Manuel Monteiro, o grande cantor português, cuja gorja tem assombrado todo o orbe.

Em uma noite, a voz melodiosa do filho que a boa da tia Zefa, vinte anos antes, dera à luz, atravessando os mares e cortando os ares, fazia-se ouvir junto de nós, na «Hora da Saudade»:

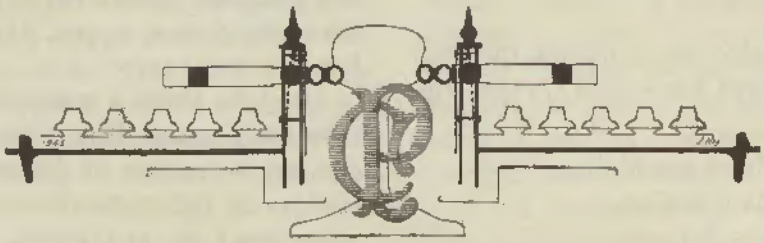
«Ó minha Mãe,
O teu filhinho está bem,
Só as saudades que tem
Lhe causam esta aflição!
Mãe adorada,
A tua imagem sagrada
Eu trago sempre gravada
Dentro do meu coração!»

O tempo passou. Como sempre, ao despertar da aurora, o patriarca da Casa da Eira dirigia-se ao campo, donde regressava ao toque das Avé-Marias, o sol a esquivar-se num horizonte sangrento e as estrelas espreitando já, de onde em onde, através dum firmamento cristalino.

Numa manhã, louçã e fresca, que bandos de melros, empoleirados nas verdes grimpas dos salgueiros, assobiaram jámais, à hora habitual, uma mulher de vestes negras, a tez morena, em cujo rosto se divisavam sintomas duma saudade amarga, procurou um lugar relvado, onde pudesse estender a alva toalha de linho, sobre a qual fumegava uma tigela de caldo apetitoso, que Simão saboreou, após ter largado a rabiça do arado, cuja relha revolvia a terra arrastada pelos seus companheiros inseparáveis do trabalho, os bois — o «Bonito» e o «Amarelo».

Quando Simão se preparava para, de novo, voltar à sua tarefa, a pobre velha tirou do bolso do avental um papel, trazido da vila por um homem de boné, e do qual não fez logo entrega ao seu destinatário, julgando ser algum aviso de décima ou multa, devido a estragos causados na propriedade do vizinho, pelo «Bonito» ou pelo «Amarelo». A mão trémula do velho rebentou o selo dum telegrama, que o coração lhe disse ser do filho e, estreitando a tia Zefa contra o peito, anunciou-lhe, para breve, o regresso de João, do seu filho querido!

Poucas horas depois, quando a noite estava ainda a meio da sua jornada, no momento em que doze sonoras badaladas se descolavam do alto duma torre secular, João era recebido no limiar da Casa da Eira, entre abraços e carinhos, por aqueles que, com o coração despedaçado, meses antes o viram partir e com quem vive, agora, alegre e feliz, numa das mais florescentes aldeias do Alto-Douro, Vila Seca de Armamar.



O rio Douro e o esforço humano

Pelo Sr. Agente Comercial *J. Oliveira da Silva*

SEMPRE que viajo na região do Douro, sinto-me emudecido pela tortuosidade do rio, pela significativa expressão de esforço do seu leito cavado entre montanhas. Diante de tão inesquecível espectáculo, em que a mobilidade da água luta quase sempre com as deformações do terreno, prefiro meditar, e calo-me enquanto o meio físico ambiente me prende à sugestão das coisas desenhadas pela natureza na tela dos milénios decorridos. Raciocino sobre o traçado original desse curso de água, que parece ter aberto no maciço duriense uma profunda cicatriz entre as encostas desnudadas, e não descubro, no meu espírito dominado por impressões estéticas, razões que me convençam de que tudo aquilo é obra do acaso ou desordem cega integrada no destino indiferente das coisas insensíveis.

Quando a estiagem evapora do leito fluvial o elemento que no inverno será restituído das alturas, o rio cansa-se e mostra nos charcos as suas feridas, suplicando a prece dos homens vivos nas margens — desses homens barqueiros que só lhe podem oferecer, no suor da pele queimada pelo calor, o testemunho de que a mesma causa os imobiliza sem remédio. E há solidariedade na conformação: — o rio espera, suportando sem luta o mais baixo nível; e os barqueiros, descansando dos perigos da navegação, aguardam religiosamente que as chuvas restituam a bendita água evaporada. Às vezes, porém, chove copiosamente, e o caudal do rio, alimentado em excesso, como lho consente o despovoamento florestal das margens, precipita-se, caindo em regime torrencial que tudo arrasta. Ou secas imobilizantes ou indómita corrente. O meio termo parece esporádico: — a regra é não haver segurança que alivie a habitual incerteza do dia de amanhã.

* * *

Entre o curso do rio Douro e o curso da vida humana — porque não? — há certa se-

Sempre que viajo na região do Douro, sinto-me emudecido pela tortuosidade do rio...

melhança. As alternativas entre a sensação de cansaço dos dias de estio e o sentimento tempestuoso dos meses hibernais; a dor que imobiliza quando o destino flutua e se não domina; a alegria que trasborda do peito, desalgemando o desejo de ir pela vida fora a cantar a canção da eterna abastança, — tudo se encontra expresso no curso do Douro. O Atlântico, onde desagua, é mais vasto, mas tem outra fisionomia. A ideia do infinito que o mar inspira dá-lhe nobreza e predispõe para a espontânea subalternidade do humano ao divino; o homem, porém, sente-se mais pequeno e inútil perante perspectivas que aumentem a sua capacidade de se julgar em relação ao universo. O rio Douro, esse, sim, cavou na terra, entre limites estreitos, o leito pedregoso em que corre até ao mar. Assim é também a humanidade — na luta diária cujo termo é um epitáfio sobre pedra fria. Para o rio Douro, o mar é um abraço paternal que lhe dá impulso e sustenta a evolução do curso; para os homens, esse rio é exemplo de tenacidade angustiosa e emulação. As suas margens têm grandeza que não deprime: são como dois braços por entre os quais saltasse, às vezes, um coração a rir ou a chorar.

Adorar o rio Douro é crer no seu poder de assimilação da vida humana.

* * *

Quando viajo na região duriense, prende-me à admiração pelo rio um amor fraternal às coisas naturalmente simples e significativas. De resto, o homem imita-as, revendo-se e estudando-se constantemente no confronto entre o original e a cópia. De Pala a Barca de Alva, a via férrea caminha paralela ao rio Douro: é um facto corográfico que toda a gente conhece. Mas como estudá-lo nas suas relações com a vida? O rio Douro é uma via de transporte; nele navegam, do curso médio até o baixo curso, os típicos barcos rabelos. A dificuldade da navegação, sempre morosa e cheia de perigos, teria sugerido outra via. O homem é criador das coisas artificiais, quando Deus lhas inspira segundo o modelo primitivo da própria natureza. O rio Douro, acidentado e inconstante, não servia como via de transporte única à riquissima região que atravessa. O homem reforçou-o, imitando-o, construindo a estrada de ferro que é a acidentada e formosa linha do Douro. Na sua construção rasgou o ventre de rochas xistosas, fez pontes, cavou nas encostas do rio o leito em que assentou as travessas, os carris e a brita; construiu estações e apeadeiros onde as paragens se tornavam necessárias para servir e aumentar o tráfego. A este esforço titânico, que levou anos, seguiu-se o esforço regular de todos os dias — os combóios que circulam até Barca de Alva, e de lá vêm, levando e trazendo passageiros e mercadorias, e desdenhando da estiagem e das cheias que paralizam e agitam o rio Douro. Ah, sim! Este esforço é heroico, tem a sua vida própria, inspirada na mesma necessidade de servir que se exige ao curso natural do rio — estrangulado, entretanto, por deficiências que o caminho de ferro não tem, porque o homem, conhecendo-as, não as quiz pôr na sua obra. Mas, sem a lição do rio Douro, que na cordilheira regional abriu caminho para uma travessia difícil, embora possível, o caminho de ferro não se instalaria a seu lado, os homens que o construiram (engenheiros, mestres de obras, assentadores de via) não teriam encontrado o seu roteiro — e a obra seguiria outro rumo e um esforço mais original, mas mais penoso, lhes seria exigido.

O trabalho dos homens que construiram a linha do Douro bem merece rever-se no curso gigantesco e martirizado do rio Douro como um exemplo arrancado à própria natureza angustiada.

Honra lhes seja.

Faro, berço da tipografia portuguesa

Pelo Sr. *José Júlio Moreira*, Chefe de Secção dos Serviços Gerais da Divisão da Via e Obras

Sob o título «E assim nasceu a Imprensa» publicou o *Boletim da C. P.* no seu número 205, de Julho, um interessante artigo em que se recorda a genial invenção de Gutemberg, que tanto tem contribuído para o progresso humano — a Imprensa.

Nele se faz referência à sua introdução entre nós e atribui-se a Leiria a honra de ter sido a primeira cidade portuguesa onde existiu uma oficina de impressão.

Até há pouco assim era, de facto, aceite, em virtude da escassez de documentos. Mas, hoje, em face de novos elementos, prova-se que foi a cidade de Faro o berço da imprensa portuguesa, pois foi na capital do Algarve que saiu do prelo da oficina do judeu português Samuel Gacon um «Pentateuco», ou sejam os primeiros cinco livros da Bíblia, de cuja edição existe um exemplar no Museu Britânico, em Londres. Este exemplar é o único conhecido no Mundo. Está impresso em pergaminho e na sua folha final lá se encontra, relativa ao dia em que se acabou de imprimir, a indicação do nono dia do mes de Tamuz do ano de 5247, que é, no calendário hebraico, a data correspondente a 30 de Junho de 1487.

A «História da Literatura Portuguesa», de Albino Forjaz de Sampaio, refere-se ao Pentateuco de Faro como o primeiro livro impresso em Portugal. Sobretudo a «Bibliografia Geral Portuguesa», obra monumental, em publicação pela Academia das Ciências de Lisboa, tira todas as dúvidas que porventura haja a propósito daquela afirmação, quando, ao tratar dos incunábulos (*), o classifica em primeiro lugar entre os livros impressos no nosso País.

Prestamos, pois, gostosamente este esclarecimento aos leitores do *Boletim da C. P.* e outro intuito não tivemos senão o da defesa da verdade histórica sobre um ponto que durante largos anos foi ignorado.

* * *

É curioso registar também que sete anos depois da publicação do Pentateuco saiu da mesma oficina de Faro um novo livro intitulado «Tratado do Divórcio», com a data de 1494.

* * *

A Biblioteca Municipal de Faro adoptou para «ex-libris» o desenho que a gravura representa: uma figura aperta um prelo, tendo ao fundo o sol que desponta, ao alto a divisa «et facta est lux» (e a luz fez-se) e a data de 30 de Junho de 1487.

Consagra-se, assim, neste primoroso trabalho do mestre Alberto de Sousa a data do primeiro livro impresso em Portugal.

(*) Incunábulo — Livro impresso nos primeiros tempos depois da invenção da Imprensa.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 949 — Peço dizer-me se está certo o processo de taxa que a seguir discrimino, referente ao transporte, em G. V., de Trofa para Barcelos, de um semeador só de uma roda, peso 182 Kg., e uma caixa com pertences, peso 6 Kg.

Distância 28 Km. — Base 5.ª, simples

Preço 5$00 × 11 × 0,19	10$45
Adicional de 10 %	1$05
Manutenção 16$00 × 0,19	3$04
Registo	1$50
Aviso de chegada	1$00
Arredondamento	$01
Total	17$05

R. — O processo de taxa apresentado está errado. Segue discriminação conforme corresponde:

Distância — 28 Km.

Tarifa Geral — Artigo 52.º — Base 5.ª pelo mínimo de peso de 1.000 Kg.

Preço 5$00 × 11	55$00
Adicional de 10 %	5$50
Manutenção	16$00
Registo	1$50
Aviso de chegada	1$00
Total	79$00

P. n.º 950 — Peço dizer-me se está certa a seguinte taxa de transporte:

Transporte, em grande velocidade, de Santarém para Aveiro, de um vagão com melões a granel com o peso de 9.000 quilos.

Carga e descarga efectuadas pelos donos.

Requisitado vagão de carga normal. — 10 toneladas.

199 Km. — Tarifa Especial Interna n.º 10 — G. V.

Preço 139$70 × 9	1.257$30
Registo	1$50
Aviso de chegada	5$00
Total	1.263$80

R. — Está errada. A Tarifa Especial Interna n.º 10 — G. V., sòmente é aplicável a remessas de detalhe. — Art.º 1.º.

Segue a discriminação da taxa como corresponde:

199 Km. — Tarifa Geral — Base 6.ª

Preço 24$56 × 6 × 9	1.326$24
Manutenção 7$00 × 9	63$00
Registo	1$50
Aviso de chegada	5$00
Arredondamento	$01
Total	1.395$75

P. n.º 951 — Peço dizer-me se está certo o seguinte processo de taxa:

Transporte, em regime de comboio especial, de um vagão com cascos de madeira vazios, peso 2.600 Kg., de Fontela para Barqueiros. Descarga ao Km. 91,800, da linha do Douro.

Carga e descarga feitas pelos donos.

A. R. — 159 Km. — T. 16

Preço 52$84 × 3	158$52	
Aumento de 20 % (A. P. 722)	31$71	
Evoluções e manobras 3$50 × 3	10$50	
Registo	1$50	
Arredondamento	$02	202$25

M. D. — 95 Km. — T. 11

Preço 32$11 × 3	96$33	
Aumento de 20 % (A. P. 722)	19$27	
Evoluções e manobras 3$50 × 3	10$50	
Aviso de chegada	5$00	
	131$10	

Descarga em plena via:

1$00 × 11	11$00		
Adicional de 10 %	1$10		
	12$10		
Adicional de 5 %	$61		
	12$71		
Arredondamento	$04	12$75	143$85
Total			346$10

R. — O processo de taxa apresentado está certo.

P. n.º 952 — Peço dizer-me se está certo o seguinte processo de taxa:

Transporte, em G. V., de Viana do Castelo para

Trofa, de uma charrua montada sobre 4 rodas, peso 275 Kg., e uma caixa com pertences, peso 4 Kg..

Distância — 59 Km.

Charrua — Base 5.ª por 1.000 Kg.

Preço 10$54 × 11 × 1,0	115$94
Adicional de 10 %	11$60
Manutenção	16$00

Caixa — Base 5.ª

Preço 10$54 × 11 × 0,01	1$16
Adicional de 10 %	$12
Manutenção 16$00 × 0,01	$16
Registo	1$50
Aviso de chegada	1$00
Arredondamento	$02
Total	147$50

R. — Está errado. Segue discriminação como corresponde:

Distância — 59 Km. — Tarifa Geral — Artigo 52.º
Base 5.ª pelo mínimo de peso de 1.000 Kg.

Preço 10$54 × 11	115$94
Adicional de 10 %	11$60
Manutenção	16$00
Registo	1$50
Aviso de chegada	1$00
Arredondamento	$01
Total	146$05

P. n.º 953 — Peço esclarecimentos, quanto ao resultado do processo de taxa exarado no *Boletim da C. P.*, de Junho de 1946, pergunta n.º 924, na parte referente às fracções de peso a taxar, de 100 Kg., em vez de 10, como se me afigura, uma vez que não houve requisição de vagão. Suponho que a aplicação da taxa por fracções de 100 Kg. é consequência da doutrina do 6.º Aditamento à Tarifa Especial n.º 1 de P. V., de 11 de Julho de 1945, o qual determina que os preços desta Tarifa sejam aplicados apenas às remessas de V. C..

Sendo assim, peço também para ser esclarecido, se neste caso não é devida a cobrança da taxa de $10 por tonelada, referente à operação de descarga em Barreiro, em conformidade com o disposto no Artigo 4.º do Complemento à Tarifa de Despesas Acessórias do S. S..

R. — O transporte a que se refere a consulta n.º 924, publicada no *Boletim da C. P.* n.º 204, de Junho de 1946, obedece às condições definidas no Artigo 97.º, da Tarifa Geral, sendo, por consequência, considerado como de vagão completo, e portanto, a taxa estabelecida por fracções de 100 Kg. de harmonia com o disposto na 11.ª das condições gerais de aplicação da Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V..

Quanto à taxa de $10 prevista no n.º 1.º do Artigo 4.º do Complemento à Tarifa de Despesas Acessórias em vigor nas linhas do Sul e Sueste, esclarece-se que apenas tem aplicação quando as remessas sejam carregadas ou descarregadas, por pessoal da Companhia, nas pontes ou cais fluviais da estação de Barreiro.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Público A n.º 908 — Estabelece o transporte de mercadorias, em veículos de tracção animal, entre a estação de Vale do Peso e o Despacho Central de Tolosa, servindo também a povoação de Gáfete.

15.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Regula os transportes entre a estação de Braga e os Despachos Centrais de Ponte da Barca e Arcos de Val-de-Vez.

57.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Regula o transporte de mercadorias, em veículos de tracção animal, entre a estação de Vale do Peso e o Despacho Central de Tolosa, servindo a povoação de Gáfete.

2.º Aditamento à Tarifa de Telegramas Particulares — Modifica a redacção do Artigo 6.º desta Tarifa.

3.º Aditamento à Tarifa Especial n.º 3 — Passageiros — Modifica a redacção dos artigos 17.º, 18.º, 20.º e 21.º e o número 1 do Artigo 19.º desta Tarifa.

7.º Aditamento à Tarifa Especial n.º 4 — Passageiros (Bilhetes de Assinatura) — Substitui, pelas tabelas anexas a este Aditamento, as tabelas de preços dos Capítulos III e IV desta Tarifa.

5.º Aditamento à Tarifa de Vagões Particulares — Altera os Artigos 3.º e 15.º desta Tarifa, que tratam da utilização dos vagões e vagões em depósito.

6.º Aditamento à Classificação Geral — Altera o tratamento tarifário de várias rubricas, entre as quais, alcatrão mineral, alcool comum, feijão verde, etc..

7.º Aditamento à Classificação Geral — Altera o tratamento tarifário das rubricas, caixas de folha de Flandres e latas.

8.º Aditamento à Classificação Geral — Cria a rubrica «ferro em chapas ou laminado» em substituição da rubrica «ferro em chapas laminadas, lisas ou onduladas (zincado ou não)».

1.º Aditamento ao Complemento à Tarifa de Despesas Acessórias em vigor nas linhas do Sul e Sueste. — Anula a disposição a que se refere o n.º 2.º do Artigo 4.º deste Complemento.

Digressão literária

Henrique Lopes de Mendonça nasceu em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1856 e morreu em 24 de Agosto de 1931. Foi dramaturgo, romancista, historiador e arqueólogo. Como dramaturgo, escreveu as conhecidas peças O Duque de Viseu, A morte, Afonso de Albuquerque, A Herança, etc.. *Foi autor de apreciados livros de estudos de história e de arqueologia, como os* Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI. *Escreveu as seguintes obras:* Os órfãos de Calecut, Terra de Santa Cruz, Sangue Português, Gente namorada, Capa e Espada, Fumos da Índia, Santos de Casa e Lanças n'África. *Deste último é o trecho que a seguir publicamos.*

Lopes de Mendonça foi também, como é sabido, o autor dos versos da «Portuguesa».

O REBATE

Na noite de sexta-feira de Endoenças do ano de graça de 1516, denunciava-se uma animação fora do vulgar na vila e no castelo de Arzila. Festejava-se, ao uso daquele tempo, o fim da quaresma, em que as lágrimas pela Paixão de Cristo se enxugavam na certeza de Ressurreição. Em cada baluarte do castelo chamejavam em fogaréus de ferro grossos pavios alcatroados. Mas essa iluminação não era apenas sinal de festa, era também prevenção de guerra. A breve distância, pela planície do Xercão, alongava-se o imenso arraial do rei de Fêz, que de novo ameaçava a cristianizada cidade. Ali se recolhera, depois das escaramuças travadas de tarde, em que uma sortida do almocadém Fernão Caldeira lhe custara três ou quatro vidas de mouros e a afronta de ver dependurado do pau do Facho um traidor da sua seita que, para escarmento dos seus e injúria dos portugueses, nele enforcara.

A tremenda ameaça do cerco não anuviava porém o conde de Redondo, D. João Coutinho, capitão de Arzila. Á sua mesa, onde a luz das lâmpadas mouriscas reverberava em barnegais dourados e albarradas jagladas de prata, banqueteava alegremente fronteiros e fidalgos, na derradeira consoada da quaresma. E acolhia com chufas as insinuações dos mais timoratos, que lhe falavam dos terríveis preparativos do soberano islamita, e recordavam o recente desastre da Mamora, em que quatro mil portugueses haviam perdido a vida e centenas de outros tinham sido cativos.

Um deles encarecia as colossais bombardas feitas para o rei de Fêz pelo artilheiro português Mestre João, uma das quais, ao que diziam, lançava nove arrobas e meia de pelouro, e tinha sete palmos de roda.

—Pois, amigos meus—redarguiu o conde erguendo uma copa transbordante de vinho do Seixal—bebamos ao bravo mostrengo! Quem me dera ouvir-lhe já o ronquido, a abafar estas musiquias que aos ouvidos nos chegam!

Com efeito, uma soada distante de arrabis e adufes alastrava pelo interior do castelo. Vinha dos aposentos da condessa, onde a festa de Endoenças se celebrava alegremente. A grande sala, colgada de lambéis de Bugia e Tunis, estava atulhada de damas portuguesas e de aias e servas mouriscas, nos seus mais brilhantes atavios. Sobre um tapete de Xiraz, felpudo e policromo, três bailadeiras mouras contorciam em voluptuosa dansa os corpos envoltos em haíques

de seda, tilintando sequins e jóias de ouro. Agachados junto da parede, uns cinco ou seis tangedores, também mouros, acompanhavam com uma bárbara música os esgares coreográficos. Ao fundo da sala, numa alta cadeira de espaldar, presidia à festa a velha condessa de Borba, D. Catarina da Silva, mãe do capitão de Arzila, tendo junto de si sua nora, condessa do Redondo, e suas duas filhas, D. Maria e D. Joana da Silva. E sobre o regaço de brocado do Levante, D. Maria aconchegava a si o sobrinho D. Vasco, criança de oito anos, o filho mais velho do conde de Redondo, o qual arregalava os olhos espertos para o bailado, agitando as mãozinhas polpudas em convulsões de entusiasmo infantil.

No momento em que a dança atingia uma das fases febricitantes, uma aia mourisca, nova e donairosa, abriu ràpidamente caminho por entre a aglomerada assistência, e encaminhou-se para o grupo das fidalgas.

— Que há de novo, Leonor Rodrigues? — perguntou D. Maria da Silva, desviando para ela os lindos olhos, em cujo azul se adoçava a chama dos lampadários.

A aia respondeu, com o seu áspero sotaque arábico:

— Venho buscar o senhor D. Vasco. São horas de se lançar na cama.

Então o pequenito, tremelicante o beicinho rubro, atirou os braços ao colo branco da tia, cingiu-o escondendo o rosto, e titubeou:

— Não quero deitar-me. O baile não me deixará dormir.

D. Maria olhou-o, sorrindo ternamente, hesitando. Mas a velha avó, que tudo ouvira, interveio com branda autoridade:

— Ide embora, menino. Mais lindos bailes vereis de olhos cerrados que com eles abertos.

Não se convenceu o pequeno, e lagrimejou ao volver os olhos saudosos para o luzido espectáculo de que o apartavam. Mas não se cansou a resistir com palavras, que a sua infantil experiência sabia vãs. Aquela crespina de ouro e seda, que envolvia a formosa coma nevada de sua avó, era uma jaula de preceitos rígidos que desconheciam licenças. E só funda bondade lhes temperava a moléstia.

Assim, pois, a criança emergiu dos braços de D. Maria, a qual suspirou resignada, correspondeu com um beijo amuado às despedidas das fidalgas, e meteu a mãozita branca na mão trigueira de Leonor Rodrigues. E quando atravessou com ela a sala deslumbrante de luzes e vibrante de sons, por entre afagos carinhosos e respeitosas saudações, as suas crenchas douradas estremeciam e o seu pelote de brocadilho ondulava no arquejo de abafados soluços.

— Minha senhora e mãe — mumurou a condessa de Redondo, que com ansiosa vista seguira o filho — não reparaste no semblante da aia?

— Que vistes nele, filha? — redarguiu a condessa de Borba com suave ironia.

— Não sei que febre naqueles olhos. Diz-me o coração que ali há maldade.

— Andais de quebra com a mofina Leonor, e não há nada que não suspeiteis dela. Ora bem deveis de saber quanto me deve a pobrezinha. Fui eu quem a fez cristã, quem a casou depois com o mourisco João Coutinho; e quando ela enviuvou, recolhi-a aqui em casa, e fi-la aia de meu neto. Agasalho como se vosso fora o filho dela, trato-a como se fora minha filha...

— Como a todas vossas camareiras e damas, bem sei.

— Porque há-de ela, pois, querer-vos mal? São zelos de vosso filho que vos entontecem, Isabel.

— Talvez. Porém...

— Dizei tudo — insistiu a nobre senhora, vendo que a nora hesitava.

— Sabeis aquele alfaqueque muito velho, que aí vem tantas vezes?

— Bem sei. O do alquicé remendado de bocaxim vermelho.

— O mesmo. Pois não há visita dele, em que não se delongue um ror de tempo a cochichar com Leonor.

— É da sua cabilda, creio eu. Dar-lhe-á novas dos parentes.

— Deus permita que não lhe cresça a vontade de se juntar com eles!

— Para ir em cata da miséria, tendo aqui a abastança para si e para seu filho? Ora Nossa Senhora vos valha com as vossas cismas, Isabel! Varrei-as da cabeça, e embevecei-vos antes nesta chacota das mouras.

A condessa de Redondo encolheu os ombros, e deu tréguas aos protestos apreensivos. Mas no seu íntimo a dúvida temerosa alastrava, e reflectia, por sugestão inconsciente, no ânimo da condessa velha, por mais que esta tentasse dissimulá-lo. Zumbiam em torno delas perfídias invisíveis, e aqueles dois corações amorosos pressentiam o pungir das ferroadas...

A bárbara melopeia, roncando nos arrabis, troando nos adufes, parecia agora dar vulto aos pensamentos sinistros. E os torsos coleantes das bailadeiras traziam ao espírito uma vaga idea de serpentes, com o seu tilintar de jóias em guisa de cascaveis.

Quando, sobre o tumulto festivo, retiniu de súbito um repique penetrante de alarme, vindo do Miradouro distante, ressoou no coração de ambas como um eco dos seus presentimentos. Empalideceram atrozmente, embora, de afeitas a semelhantes surpresas, não costumasse turvar-se a sua serenidade. E foi preciso à velha condessa grande força de ânimo para dominar o alvoroto de pavor que alastrou pela sala, onde bailadeiras e tangedores se afogavam no fluxo e refluxo do mulherio desorientado e estrídulo.

— Tranquilizai-vos! exclamava ela, aprumada na sua cota negra, erguendo as mãos finas num gesto cheio de nobreza. — Nunca se diga que as mulheres de Arzila perdem a cabeça por uma algara de mouros.

Mas ninguém a ouvia, no meio do alarido discordante, a que fora se juntavam retinidos de armas, brados de comando, clangores de trombetas e de anafins, reboos de atambores e de atabales. Da janela aberta vieram exclamações apavoradas.

— Senhora condessa — gritava uma camareira — da janela dos meninos pendem umas cordas...

Já a condessa de Redondo, seguida das cunhadas, precedida por escravas e aias, se precipitava angustiada, pelos corredores escuros, esbarrando com arneses polidos, arredando couras e laudéis de escamas, lacerando mongis e cotas em punhos de espadas e coutos de lanças, em direitura da câmara dos filhos. Entraram de roldão. Sobre os almadraques encortinados de tafetá, soerguiam-se as duas crianças mais novas, chorando de susto, amparadas por aias que se haviam adiantado.

— E Vasco? — perguntaram as senhoras trémulas de ansiedade.

Ninguém vira o pequeno. E Nuno Alvares, veador da condessa, entrando de carreira, dava terriveis informes.

— O vigia do Miradouro — dizia ele — viu claramente duas ou três mulheres lançarem-se pelas cordas. Com elas desceu uma criança...

— O meu filho, santo Deus! — exclamou a condessa D. Isabel.

E convulsas de horror, as fidalgas, numa torrente de palavras confusas, inquiriam pormenores. Mas o veador já não as ouvia. Seguido de outros criados, galgara o peitoril da janela, e resvalava pelas cordas tensas para a praia. Lá fora, no terreiro e nas ruas, ouvia-se o escarvar dos corcéis, relinchos e latidos, algazarra dos almogavares que se atropelavam, celeuma de lanceiros e espingardeiros pragas ululantes em português, em castelhano, em arábico, todo o medonho estrépito da soldadesca desperta por improviso assalto. E à claridade fosca, que irradiava dos fogaréus fumacentos, lobrigavam-se na praia albornozes esbranquiçados, capelhares vermelhos, marlotas ondulantes, vagos lampejos de armaduras.

Entrementes, dentro da câmara, a aia das duas crianças, entre lágrimas, fazia o seu depoimento. D. Maria da Silva, com vago ar de inspirada, saíra do aposento. E no meio do mulherio transtornado de angústia, destacava, cheia de serenidade na sua cota de veludo negro, a figura majestosa da velha condessa, animando a desolada criatura.

— Eu dormitava além na recâmara — contava a aia. — Ouvi, meio estremunhada, Leonor Rodrigues, que trazia o senhor D. Vasco. E percebi que ela o convidava para chegar

à janela, donde se viam as luzes do castelo. Parece-me que o menino choramingava, todo o seu empenho era voltar para o baile... Mas tornei a pegar no sono, e só acordei com o rebate.

Faltava de feito Leonor Rodrigues, com mais duas das aias mouriscas. E uma escrava, sobre quem recaíram suspeitas de as ter auxiliado na fuga, temeu-se do tormento com que a ameaçavam, e lançou-se aos pés da condessa, confessando que, com efeito, a Leonor a instigara para que a acompanhasse. De há muito que esta premeditava a fuga, de conluio com o velho alfaqueque, que servia de intermediário para a alhala do rei de Fez. Mas a escrava recusara-se sempre, e teria denunciado o trama, se percebesse que as fugitivas não se contentavam com o escapar-se sòzinhas. Agora, porém, compreendia a significação das meias palavras de Leonor, a qual premeditava desde o começo o rapto do senhor D. Vasco.

A angústia maternal da condessa de Redondo, a dilacerante aflição de sua cunhada D. Joana, atingiram o seu paroxismo. Irromperam em soluços, em gritos, em terríveis clamores, enquanto a condessa velha, ajoelhando diante de um pequeno oratório em que a imagem ebúrnea do Crucificado sangrava rubis, orava ràpidamente para que o Senhor afastasse de seu inocente neto as torturas do cativeiro entre mãos de infiéis.

E de repente, por entre o alarido espesso, sobre o qual, lá fora, relevava a voz dominadora do conde, ressoou um estridente brado de júbilo. Precipitaram-se todas para a porta da câmara, donde partira esse esperançoso rebate.

E não tardou muito que no limiar surgise, entre os braços de D. Maria da Silva, o pequeno D. Vasco, esgaseado e choroso, avermelhando com o premir dos deditos o colo branco da juvenil senhora.

E D. Maria da Silva explicou:

— Fui-o encontrar na alcova que fica ao pé da sala. Percebi que a Leonor o quisera levar para a janela da câmara. Mas ele escoou-se de manso, para ir espreitar o baile pelas fendas do guarda-porta. Se não fosse esta travessura, que seria dele agora!

— Mas a criança que a atalaia do Miradouro viu descer pelas cordas? — perguntou D. Joana.

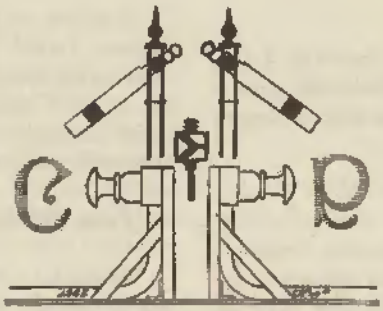
— Foi com certeza o Fernando, o filho de Leonor.

Agora, a balbúrdia era toda de alegria inesperada. Das janelas passava a boa nova para a gente de armas. E, montado no seu nobre murzelo, o conde D. João suspirava risonho.

Ouviu-se na câmara a voz grave da condessa de Borba, que dizia, depois de beijar o neto com intensa ternura:

— Minhas filhas, rendamos graças a Deus, Nosso Senhor, que quis ouvir minhas orações!

E todas se prostraram diante do crucifixo.

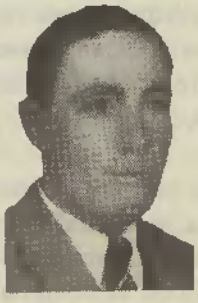


Pessoal

Agentes que praticaram actos dignos de louvor

Armando Barata
Factor de 1.ª classe

Fernando Santiago Lory
Operário ajudante



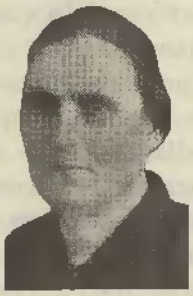
Casimiro Gomes Marques
Carregador suplementar

Quando viajava no comboio n.º 1002, o Factor de 1.ª classe, Armando Barata, encontrou no W. C., um anel de ouro, do qual fez entrega ao revisor.

O Operário ajudante, Fernando Santiago Lory, encontrou numa carruagem do comboio n.º 1334 a importância de 280$00, que imediatamente entregou ao revisor do comboio.

O Carregador suplementar, de Barreiro, Casimiro Gomes Marques, encontrou abandonada numa carruagem de 2.ª classe do comboio n.º 818 uma carteira, contendo avultada importância, da qual fez entrega ao Chefe da estação do Barreiro.

AGENTE QUE COMPLETOU 40 ANOS DE SERVIÇO



Maria do Rosário
Guarda de distrito
Admitida como Guarda de distrito
em 24 de Setembro de 1906

Exames

EXPLORAÇÃO

Em Agosto

Chefes de estação para Sub-Inspectores:

João do Vale, João Bento da Silva Gralha, Manuel António, Alberto Magalhães Couto, Severino Tavares Correia e Francisco João Moga.

Agentes com cartão para Revisores de 3.ª classe:

António da Costa Louzada Júnior, Silvestre Henriques, David António, José Moreira Martins, Armando Marques dos Santos, José Rodrigues, Joaquim de Sousa Gião, Augusto Pereira Lopes, José Rodrigues Couraça, Manuel Duarte, Francisco de Pina e João Miguel Correia.

Para Conferentes:

Distintos: Manuel Maria, José Matias, José Jacinto Sereno, António Ribeiro Soares, Serafim Marques Parente, Joaquim Couto, Raúl Maria de Oliveira e Silva e Joaquim Pereira Nicolau.

Aprovados: Agostinho dos Santos, Jaime Maia Ramos, Joaquim Paixão Feliciano, José Malaquias, Ismene de Oliveira, Manuel António Ventura Aleixo, Jacinto António Rodrigues, António José Mendes, António Sousa Pacheco Moreira, João Alexandre Palmeiro, João Mateus Nora, Henrique Lopes, José Ferreira Roque Júnior, António Alves Freire, José Nascimento Grilo, Alberto Pinto Ribeiro, António Lopes Rêgo, José Martins Castanheira, Adélio Manuel da Fonseca, José Augusto, Gaspar Rodrigues Gomes, João Martins, António Coimbra, José Carvalho Ladeiro, Carlos Coelho, Francisco Filipe de Azevedo, António Pereira Afonso Branco, Aníbal Caetano da Silva Relvas, Manuel Diogo Vaz, Francisco António de Melo, Vitorino Dias da Silva, Isaac Manuel, Nicolau da Cunha Borges, Artur da Conceição Rosendo, António Lima, Paulino Martins Júnior, António Barbosa, José Teixeira de Magalhães, Alfredo Ribeiro, Miguel Rafael Campos, José Gomes Júnior Dias, Manuel Rodrigues, Garcia das Neves Oliveira, Manuel Miranda, Isidoro Jesus Vicente, Albino Martins de Oliveira, Luís Augusto Feliciano, José de Sousa, Manuel Alves Serdoura, João Gonçalves Duque, António Pedro, João Afonso, João Mendes Raimundo, Joaquim Martins, Augusto Pereira, Guilherme Henriques, Joaquim Palma Encarnação, João Maria Pinheiro Carraca, Arménio Gonçalves Tarrafa, Joaquim Ramos dos Santos, Robim de Abreu e António Fonseca.

Promoções

SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Em Julho

Sub-Chefe de Repartição: Luís Cabrera.

Distribuidor de materiais de 2.ª classe: Raúl Luís da Vitória.

Continuos de 2.ª classe: Joaquim Faria, Mário da Conceição Freira, Manuel Laranjo e João Nunes.

EXPLORAÇÃO

Em Julho

Agente Comercial: Joaquim António Oliveira da Silva.

Inspector: José Pinto Valente Júnior.

Empregados de 1.ª classe: Fernando Junça Ferreira, por distinção, Octávio Severino Pronto, por distinção, Herculano Costa, Luís Eduardo Ferreira da Silva, Sebastião Gonçalves Areias, João Nozes de Almeida, Herculano José Afonso, Carlos Garcia Cohen, Manuel da Silva Júnior, José Dias Alfaiate, Fernando Augusto Monteiro, Emídio Sabino Couceiro Araújo e Joaquim França Ribeiro.

Empregados de 2.ª classe: Artur Zagalo Gomes Coelho, António Augusto Nunes, Loubet Moreira Bravo, João José da Silva Júnior, Manuel Pacheco da Cunha, Angelino Esteves Pardal, Miguel Delgado da Silva, Artur Cândido, José Camilo da Rocha Pargana, Maciel Coelho Veiga e António da Fonseca.

Arquivistas de 1.ª classe: Alberto Rodrigues e Júlio Pedro Campos Viegas.

Arquivistas de 2.ª classe: Manuel Rodrigues, n.º 1998 e Manuel Rodrigues, n.º 2684.

Distribuidor de materiais de 1.ª classe: Francisco Ramos Rodrigues.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Julho

Empregados de 1.ª classe: Joaquim Augusto Monteiro C. Pinho, Manuel Guerreiro, Joaquim Chaves Mota, Alexandre Gomes, António Augusto dos Santos, António Gonçalves da Silva Júnior, Frederico Luís Forte, Luís Duarte Carvalho Moreira, Asdrubal da Silva Santos, José Lopes dos Santos Aurélio, José Henrique Barbosa Martins, António Jacinto Hortêncio Júnior, José de Campos Serafino, Joaquim Ferreira Purgatório Júnior, Manuel Ferreira Purgatório Júnior, Vasco Duarte Vaz e Celestino dos Santos Amaro Júnior.

Empregados de 2.ª classe: José Alexandre Serrão Mora, António Ferreira Purgatório Mendes, Rui Guimarães Fernandes, Octávio Caldeira Azinhais, Jesuino de Sousa Matoso, João Antunes Ferreira e Aparício Mendes.

Arquivista de 1.ª classe: Luís António Bote.

Desenhador de 1.ª classe: Salvador Nogueira Reis.

Distribuidor de 1.ª classe: José de Oliveira.

Distribuidores de 2.ª classe: Pedro Garrido de Oliveira e Luís Lopes

Contramestre Principal: Teodoro da Silva Caria.

Contramestres de 1.ª classe: Manuel Esteves, Cipriano Júnior e Braz da Silva Baeta

VIA E OBRAS

Em Agosto

Chefe de Electricistas: António Ferreira.

Nomeações

SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Em Setembro

Serventes de escritório: Justino Rodrigues, Manuel de Matos Machado e José Agostinho.

EXPLORAÇÃO

Em Junho

Carregador: Joaquim Cardoso.

Em Agosto

Comercialista ajudante: *Comercialista* Francisco António Chaves Brilhante.

Empregado de 3.ª classe: João da Silva Tavares de Oliveira.

Carregador: Leonardo Conçalves.

Servente de oficina: Mário Domingos.

Serventes de oficina (F.): Silvia da Esperança Mendes, Maria Amélia Martins, Joaquina de Jesus Condesso Gregório, Cesilda Lopes Venâncio, Vicenta da Conceição e Maria Salete Duarte Felizardo.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Agosto

Empregados de 3.ª classe: João Rodrigues Salvador e José Rôlo Pires.

Serventes: Rogério da Conceição Nunes, Carlos Fernandes e António Neto.

Limpadores: Luís da Silva Baptista Amaral, Avelino Joaquim Ferreira, António Gonçalves, Domingos Albino Ferreira, Manuel Monteiro, António da Silva, Isidro Rodrigues Gonçalves, Joaquim dos Santos, António das Dores Cunha e Manuel dos Santos Peralta.

VIA E OBRAS

Em Julho

Guarda fios de 2.ª classe: Francisco Conceição Marques Tomé.

Guardas de P. N.: Maria Carvalho Urbano e Maria Filipe Galega.

Em Agosto

Desenhador de 3.ª classe: José Duarte Chaves.

Empregado de 3.ª classe: José Gertrudes da Silva.

Assentadores: Augusto Lopes, Joaquim Augusto Torres, António Fausto Pereira, Manuel Francisco Barbas, Américo Gomes Maduro, Joaquim de Almeida, Sérgio Bartolomeu Roque, Augusto Marques Quadros, Mário Costa, Albino Valente, Luís Mendes Patrício, José Joaquim Ferrão, Joaquim Dias Reis Chaves, Ilídio Pereira Monteiro, Tiago José Baía dos Reis Geraldo, Alfredo António Pinto, Jaime Augusto Finheiro, António Manuel Reforço, Francisco António Candeias, Luís das Dores Maltez, António Sousa Serôdio Júnior, Joaquim Manuel Reforço, Joaquim Bernardo Costa, António Henriques Marreiros, Francisco Rosa Soares, Fernando Franklim Magalhães, Serafim Ferreira Teixeira, António Rodrigues da Cunha, Isaías Júlio Bernardino, António José Ribeiro, Domingos Maria Gonçalves, António Gonçalves Vieira Magalhães, António Taveira, Manuel António dos Ramos, Jesus António Pinto, Avelino Manuel Giroto Ferreira, Aldomiro Gonçalves Paraíso, José Domingos, Clementino da Silva Amaro, José Santos Lourenço, João Augusto dos Santos, Abel Francisco dos Santos, Manuel Pedro dos Santos, António da Silva Freire, António José Melro, Joaquim José Gonçalves, José Manuel Vicente Delgado, António Pereira, José Francisco Mendes Vargas, Geraldo António Pinto, Amilcar Lopes, José Pires Mendes, Joaquim Pires Barreto, Joaquim Estevam Jesus, Albino Vieira, Joaquim Pinto, Luís Pinto Nogueira, Francisco Salvado Reis, Manuel Soares, Carlos Augusto Ferreira, José Gregório Casimiro, Álvaro Santos, João Marques Esteves, Francisco Ascensão Raminhas, Francisco Alves José, José Carrilho Abelho, Jaime Carvalho Sobreira, João Bengala Chaves, João da Costa Martinho, José Manuel Capote, Francisco Silva Santarém Victório, Francisco Correia Moreira Beliz, Manuel Pinto, José Pinto Magalhães, Joaquim Rodrigues Neiva, José António da Silva Rocha, Manuel António, Acácio da Ressurreição Lopes, Joaquim Pereira Alves, Quintino Soares, Artur Cardoso, Joaquim Rodrigues Tabau, Miguel Pinto de Carvalho, Domingos Moura Caramelo, Isidoro Marques Ribeiro, João Cardoso, António Monteiro, Luís António Folgado, Bernardo Sérgio, Adriano Pinto, Eduardo de Castro, António Augusto da Silva, Manuel Maria Regadas, Luís Manuel Moutinho, Manuel Nascimento Passeira, Álvaro Sequeira de Oliveira, Manuel João Silva Bastos, Manuel Joaquim Croca, João Alfaia dos Anjos, Américo Fernandes Caldeira e Amilcar Martins.

Mudanças de categoria

EXPLORAÇÃO

Em Junho

Para

Empregado de 3.ª classe: o Escriturário, Firmino Augusto dos Reis Mendes.

Demissões

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Agosto

Médico da 1.ª Sub-Secção da 60.ª Secção: com sede em Viana do Alentejo: Dr. Baltazar de Bivar Branco, a seu pedido.

Reformas

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Agosto

Dr. João António Pinto Bagulho, Médico da 17.ª Secção com sede em Elvas.

EXPLORAÇÃO

Em Junho

Narciso Marques Amado, Condutor principal, da 2.ª Circunscrição.

Em Julho

Pedro António Morgado, Inspector da 6.ª Secção, de Serviço Geral.

Fernando Afonso Soares, Empregado de 1.ª classe, do Serviço do Tráfego.

Mário Augusto Teixeira de Lemos, Encarregado do posto de S. Domingos.

António da Costa Dias, Capataz principal, de Lisboa P.

Em Agosto

Armando Verão, Inspector, da 4.ª Secção de Contabilidade.

Augusta Maria das Dores Cruz, Escriturária de 1.ª classe, do Serviço da Fiscalização e Estatística.

Adélia Lourenço Ferreira, Escriturária de 2.ª classe, de Lisboa P.

Filipe António Domingos, Chefe de 2.ª classe, de Pinhal Novo.

Henrique Rodrigues Machado, Factor de 1.ª classe, de Coimbra.

António Fortunato de Morais, Factor de 2.ª classe, de Alpedrinha.

António de Jesus Vieira, Factor de 2.ª classe, de Chança.

João de Matos Cardoso Júnior, Factor de 2.ª classe, de Lisboa P..

Ernesto Fernandes, Conferente, de Lisboa P..

António Marques da Cruz, Guarda-freios de 1.ª classe, da 3.ª Circunscrição.

António Pinheiro da Costa, Capataz de 2.ª classe, de Lisboa Rego.

Luís Martins, Capataz de 2.ª classe, de Caldas da Rainha.

Manuel dos Anjos, Agulheiro de 1.ª classe, de Valença.

Amaro Benjamim Rodrigues, Agulheiro de 3.ª classe, de Almendra.

João Lopes, Agulheiro de 3.ª classe, de Entroncamento.

António Sequeira, Agulheiro de 3.ª classe, de Valado.

José Pereira de Moura, Guarda de estação, de Porto.

José Maria Pereira, Guarda de estação, de Alfarelos.

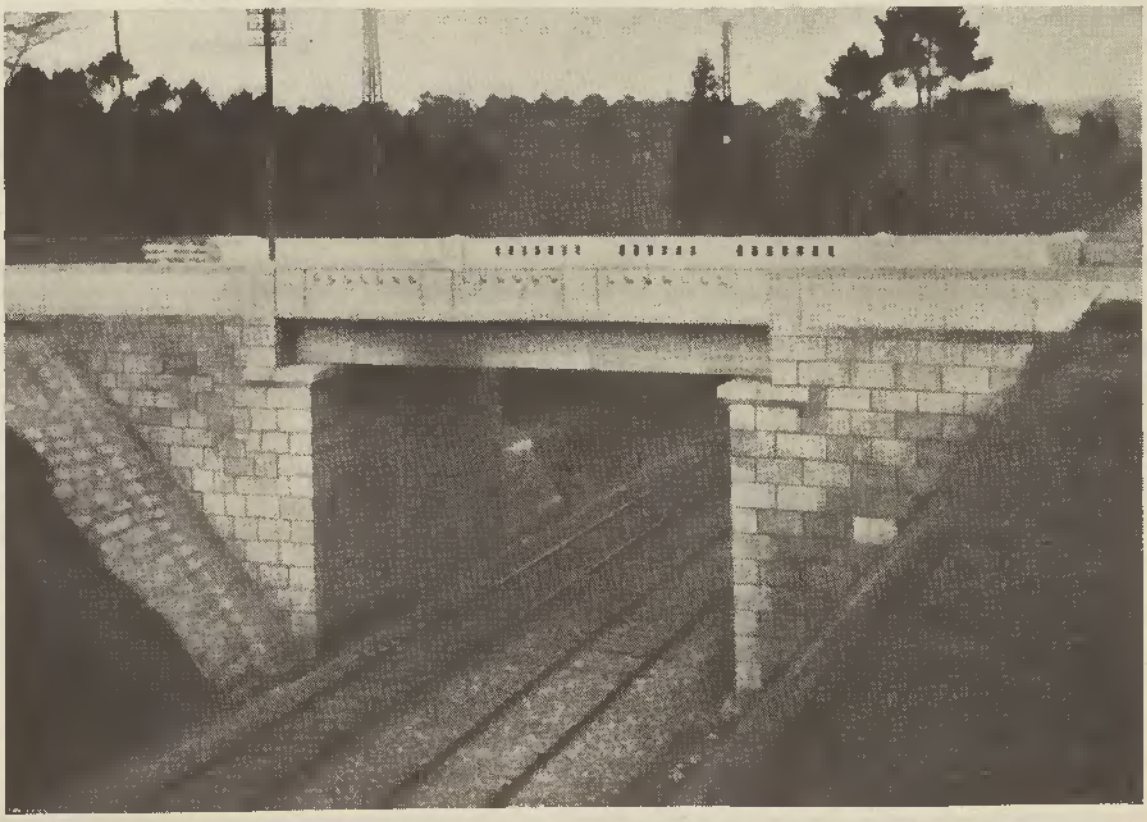
Honório dos Santos, Engatador, de Barreiro.

Teodósio Silvestre, Carregador, de Beja.

Sebastião Miguel Dias, Carregador, de Lisboa P..

João Lopes Pinheiro, Carregador, de Braço de Prata.

Augusto Antunes, Carregador, de Louzã.



Passagem superior na linha de cintura do Porto

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Agosto

Joaquim Morais e Silva, Maquinista Principal.
José Gomes, Maquinista de 1.ª classe.
Manuel Jorge Pimentel, Maquinista de 2.ª classe.
Joaquim José Ribeiro, Fogueiro de 1.ª classe.
Humberto José de S. Braga, Fogueiro de 1.ª classe.
Manuel da Luz, Chefe de Brigada de 1.ª classe.

VIA E OBRAS

Em Julho

Regina Maria Proença, Guarda do distrito n.º 293, Abela.

Marinha da Conceição Coelho, Guarda do distrito n.º 232, S. Marcos.

Em Agosto

Hermenegildo André, Empregado principal, da 8.ª Secção, Campanhã.

Herminia da Conceição Chaves Araujo, Escriturária principal, da Secção de Expediente.

Bernardino Dores Lagarto, Chefe do distrito n.º 294, S. Bartolomeu.

António Bastos, Sub-chefe do distrito n.º 3, Sacavem.

Amélia Felicia, Guarda do distrito n.º 1/5.ª, Dois Portos.

Maria da Cruz, Guarda do distrito n.º 67, Mogofores.

Falecimentos

EXPLORAÇÃO

Em Julho

† *João Afonso de Assis*, Telegrafista principal, de Lisboa P.

Admitido como Praticante de estação em 17 de Abril de 1898, foi nomeado Telegrafista de 3.ª classe em 18 de Outubro de 1900. Depois de transitar por várias categorias foi promovido a Telegrafista principal em 1 de Julho de 1932.

Em Agosto

† *António Marques*, Factor de 3.ª classe, de Granja.

Admitido como Praticante de factor em 1 de Junho de 1939, foi nomeado Aspirante em 1 de Julho de 1940 e Factor de 3.ª classe em 1 de Julho de 1941.

† *Eugénia da Conceição Cunha Augusto*, Bilheteira de 3.ª classe em Lisboa R.

Admitida como Praticante de bilheteira em 21 de Novembro de 1927, foi nomeada Bilheteira de 3.ª classe em 1 de Maio de 1929.

† *Nuno Isidoro*, Revisor de 2.ª classe, de Lisboa.

Nomeado Carregador em 21 de Abril de 1921, Revisor de 3.ª classe em 1 de Abril de 1929, foi finalmente promovido a Revisor de 2.ª classe em 1 de Janeiro de 1945.

† *António da Costa Fernandes*, Agulheiro de 3.ª classe de Lisboa P.

Admitido como Limpador de máquinas suplementar em 21 de Abril de 1922, foi nomeado Limpador de máquinas efectivo em 1 de Maio de 1927.

Em 1 de Outubro de 1929 passou a Carregador e foi promovido a Agulheiro de 3.ª classe em 21 de Julho de 1938.

VIA E OBRAS

Em Agosto

† *Américo Duarte*, Assentador do distrito n.º 430, Pinhão.

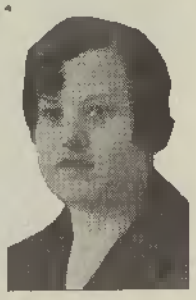
Admitido como Auxiliar em 21 de Maio de 1930, foi promovido a Assentador em 1 de Janeiro de 1945.

† *Francisco Campos*, Assentador do distrito n.º 32, Assumar.

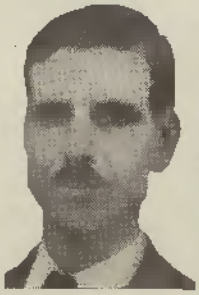
Admitido como Assentador em 21 de Agosto de 1934.

† João Afonso de Assis
Telegrafista principal

† Nuno Isidoro
Revisor de 2.ª classe



† Eugénia da C.ção P. Augusto
Bilheteira de 3.ª classe



† Américo Duarte
Assentador

13) — H: Vogal, flanco, atacador, fragosidade, socego, cântico, vogal; V: Consoante, agora, acometo, dissipador, agudeza, arco, vogal.

14) — H: Consoante, igual, apeadeiro (S. S.), pego, quinhão, obstáculo, vogal; V: Consoante, imensidade, expiam, amor, versos, garra, vogal.

15) — H: Consoante, pede, inchada, tardigrado, acesso, pequena constelação austral, vogal; V: A mesma significação que se dá para as *Horizontais*.

16) — H: Consoante, apenas, «mulher», indiferença, rol, senhora, vogal; V: Consoante, dano, «mulher», atonia, risca, apetece, vogal.

* * *

17 — **A venda do melão** — O Nobre e o Viegas, aproveitando a época dos melões, resolveram comprar um vagão desses suculentos frutos, para vender no Barreiro. Com a transacção ganharam 860 escudos.

Segundo consta, a divisão do lucro foi proporcional ao trabalho e ao capital empregado.

Não se sabe, porém, quanto coube a cada um dos sócios senão que um décimo do que recebeu o Nobre mais a nona parte do que recebeu o Viegas perfaz 90 escudos.

Poderá o leitor dizer quanto coube a cada um?

Acabado

* * *

18 — **A água do tênder** — A locomotiva n.º 1703 saiu de Funcheira, num comboio de mercadorias, por via Sado, com o tênder abastecido com os seus 12 metros cúbicos de água.

No caminho meteu água por duas vezes: encheu em Lousal e encheu no Pinheiro. Gastou até Barreiro 25 metros cúbicos, sendo o consumo no primeiro percurso para o segundo como 2 para 3.

À chegada a Barreiro viu-se que a água existente no tênder estava para a que se meteu em Lousal na razão de um terço.

Com que quantidade de água chegou a cada uma das estações de Lousal, Pinheiro e Barreiro?

José Gonçalves

Tabela de preços dos Armazens de Víveres, durante o mês de Outubro de 1946

Géneros		Preços	Géneros		Preços	Géneros		Preços
Arroz mercantil	kg.	4$50	Grão	lit.	9$10, 9$50 e 10$20	Ovos	dúz.	variável
Açúcar de 1.ª	»	4$80	Lenha	kg.	$40	Queijo tipo flamengo	kg.	25$00
Azeite extra	lit.	10$90	Manteiga	»	33$00	» da Ilha	»	21$00
» fino	»	10$30	Massas cortadas: Macarrão e Macarronete — Côradas	kg.	5$30	Sabão amêndoa	»	1$60
Bacalhau Inglês	kg.	12$60	Massinhas: Cotovelos, cotovelinhos, miosotis, pevides, etc. — Côradas	kg.	5$70	» Offenbach	»	4$40
» Nacional	»	12$60	Meadas: Aletria, macarrão e macarronete	kg	5$90	Sal	lit.	$40
Banha derretida	»	17$00	Massas cortadas: massinhas e meadas (em pacotes de celofane) — Côradas	kg.	9$00	Toucinho	kg.	14$90
Batata	»	variável	Bambus: Espaguete, macarrão e macarronete — Côradas	kg.	8$40	Vinagre	lit.	2$50
Carvão de sôbro	»	1$10				Vinho branco	»	2$50
Cebolas	»	variável				Vinho tinto	»	2$50
Chouriço de carne	»	31$00						
Feijão continental:								
Amarelo	lit.	9$40						
Avinhado	»	10$20						
Branco	»	9$70						
Manteiga	»	10$20						

Os preços dos géneros sujeitos a imposto são acrescidos dêsse imposto.

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos géneros acima citados, os Armazens de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congéneres, e também tecidos de algodão, malhas, atoalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem fôr económico deverá abastecer-se nos Armazens de Víveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionario ferroviário

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio Os números dêste Boletim não se vendem avulso

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um **fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).